

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

O ENSINO ATUAL : CONVERSANDO COM AS IDÉIAS DA ESCOLA CIDADÃ DE PAULO FREIRE

Veridiane Meire da Silva
Mestranda em Geografia- UFSJ
verigeografiaufs@j@yahoo.com.br

Atualmente observa-se que o ensino e as instituições escolares passam por muitas dificuldades e problemas. Um ensino engessado em métodos arcaicos no qual existe uma padronização da aula, um sistema de exame que classifica o aluno, a falta de interação entre aluno e professor, um modelo de instituição física do século passado, onde o aluno se vê sem mobilidade, os currículos ainda são definidos “de cima para baixo”, entre outras questões. Então, vale interrogar, onde se encontra a relação mútua entre professor /aluno? Será que essa instituição atual está correta para o público que estamos recebendo? O “mundo” do aluno está sendo considerado ao ensinar ? Estamos efetivamente educando para a construção de cidadãos ou estamos construindo “máquinas” para o mercado capitalista ? Será que esse tipo de ensino está contribuindo para a falta de interesse do aluno e todos os problemas de disciplina discente e desvalorização da profissão docente? Tais indagações surgem da experiência enquanto professora e dos estudos realizados durante a graduação e atualmente no mestrado em geografia.

Outra inquietação que me move é a questão da formação para a cidadania presentes nos Currículos Básicos Comuns. Qual seria essa cidadania pretendida? Visto pensar que esse seria um conceito amplo. No minidicionário, por exemplo, é a “qualidade de cidadão”- “Habitante de uma cidade, indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado” (ROCHA, 2005). Na geografia, cidadania, é ser capaz de avaliar, criticar e entender o espaço geográfico e/ou atribuir significados ao seu meio social, cultural e políticos. Ou ,ainda, pensando na nossa constituição; a possibilidade de exercer direitos e deveres. Pode ser definida, também, como um estudo do espaço natural ou construído na tentativa de buscar condições de vida melhores, equilíbrio natural e um meio ambiente possível de vida às gerações futuras; entre outros. A partir disso ,indago é possível ensinar; baseado no currículo atual; para a cidadania? Estamos efetivamente educando para formar cidadãos? Ou estamos ligados a somente, massante, inserção de conceitos/conteudos disciplinares? Segundo Cabanas (2002), o conceito de cidadão

com direitos e deveres esteve e ainda está praticamente ausente na educação tradicional, que realçava exclusivamente os deveres, fruto de uma pedagogia “ marcada pelo recurso a uma autoridade esmagadora onde o educando tinha para com o educador não só obediência e respeito, mas também, frequentemente, temor” .

Ao pensar no conceito de escola cidadã criado pelo educador e pensador brasileiro Paulo Freire, a qual defende a educação permanente com uma formatação própria para cada realidade local, de modo a respeitar as características histórico-culturais, os ritmos e as conjunturas específicas de cada comunidade, sem perder de vista a dimensão global do mundo em que vivemos. Para tanto, o projeto político-pedagógico de cada escola é elaborado com base na realização de um diagnóstico da realidade escolar chamado Etnografia da Escola, que possibilita a construção de um currículo escolar fundamentado na criação de espaços interculturais, por sua vez trabalhado na perspectiva inter e transdisciplinar, que levam em conta a dimensão da razão e da emoção, portanto, a técnica, a sensibilidade e a criatividade.

A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania . A Escola cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade . É coerente com seu discurso formador , libertador. É toda escola que brigando para ser ela mesma , luta para que os educandos - educadores também sejam eles mesmos . E, como ninguém pode ser só , a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia. (FREIRE, 1997)

Assim, ao pensarmos nas nossas escolas esse ato de pensar o currículo e o projeto pedagógico para cada ano e local está sendo realizado? Ou estamos reproduzindo modelos prontos? E se estamos reproduzindo modelos vindos “ de cima”, como educar para a construção de cidadãos?

Indaga-se ,ainda, nas escolas transpira-se cidadania ou cidadanias ? Os alunos têm liberdade de escolha e de decisão, discutindo colectivamente a forma de melhorar a vida escolar? Fomenta-se a defesa dos direitos humanos e a solução dos problemas ou conflitos sociais? Potencia-se o raciocínio e a argumentação sobre justiça, liberdade, responsabilidade, solidariedade, respeito mútuo, tolerância, verdade, esforço, de modo a induzir o saber estar, ou seja, condutas socialmente responsáveis? A escola cidadã é a minha ? E deveria ser a nossa ? Utopia? Pensa-se; para elaborar os currículos; em o que ensinar? Para quem? Como? Para quê? Por quê?

A Leitura do Mundo educa nossos olhos a ver além das cadeiras e carteiras , educando a sensibilidade, a “curiosidade epistemológica”, as emoções, a intuição. Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica , e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade , da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica. Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substantivamente, exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético (FREIRE, 1997, pág. 51).

Para concluir segundo Moacir Gadotti, em entrevista para a revista Nova Escola, edição de novembro/2000 “ a escola precisa ser reencantada, precisa encontrar motivos para que o aluno vá para os bancos escolares com satisfação, alegria. Existem escolas esperançosas, com gente animada, mas existe um mal-estar geral na maioria delas”. Não acredito que isso seja trágico. Essa insatisfação deve ser aproveitada para dar um salto. Se o mal-estar for trabalhado, ele permite avanços. Se for aceito como fatalidade, ele torna a escola um peso morto na história, que arrasta as pessoas e as impede de sonhar, pensar e criar .

Referências

FERRACIOLI, Marcelo Ubiali. **Escola Cidadã: Contexto, Gênese E Consolidação**, 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/2poster/GT02-4432--Int.pdf> . Acesso em 05/05/15.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã - Uma Aula Sobre A Autonomia Da Escola**, 1997. Disponível em :<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/2785>. Acesso em 06/05/2015.

INSTITUTO PAULO FREIRE. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.or>. Acesso em 03/05/2015.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário Da Língua Portuguesa**. São Paulo: SCIPIONE, 2005. Pag. 167.

ROMÃO, José Eustáquio. **Escola Cidadã No Século XXI**, 2000. Disponível em :http://www.unopar.br/2jepe/escola_cidada.pdf. Acesso em 06/05/2015.

Outros links:

<http://www.fae.ufmg.br/teoriaspedagogicas/paulofreire.htm>. Acesso em 06/05/2015.

<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1906>. Acesso em 06/05/2015.